

**A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS DO
REMANESCENTE QUILOMBO KALUNGA – GO**

**THE AFRICAN LANGUAGES' INFLUENCE ON PORTUGUESE OF THE
REMMANT QUILOMBO KALUNGA - GO**

Nathany ARAÚJO (UnB)¹

193

RESUMO: A pesquisa em questão é fruto de um trabalho contemplado pelos estudos científicos da Sociolinguística e da Crioulística, a partir das quais se fez possível o diálogo acerca da formação do Português do Brasil (PB), no que diz respeito às suas características sociais e morfosintáticas, presentes no ambiente específico da comunidade Vão de Almas – um dos povoados do remanescente Quilombo Kalunga, localizado na cidade de Goiás. O intuito que rege o presente estudo está centrado na busca por aspectos sociolinguísticos que possam ser apontados como traços crioulizantes, isto é, busca-se atestar, por meio do passado histórico da comunidade e dos dados linguísticos que foram coletados na mesma, a provável influência das línguas africanas na formação do PB, no período em que o país foi colonizado e escravizado por Portugal. O corpus linguístico utilizado para análise foi estabelecido por meio de dados orais, coletados através de entrevistas individuais, submetidas ao viés quantitativo da Sociolinguística, ou seja, embasados na Teoria da Variação, proposta pelo pesquisador William Labov e, outrossim, na contribuição dada pelo olhar da Crioulística. A hipótese levantada é a de que as origens socioculturais de Vão de Almas, e seus aspectos gramaticais, como a falta de concordância nominal de número e gênero, o preenchimento e a redução do paradigma verbal, são fortes indícios de que os escravos africanos e as suas tantas línguas, deixaram resquícios na estrutura da língua brasileira. Tal presunção encontra respaldo nas semelhanças que podem ser encontradas entre as estruturas morfosintáticas do Português do Brasil e as das línguas africanas de base portuguesa. Os resultados obtidos foram os esperados, indicando que há, em Vão de Almas, aspectos linguísticos e sócio históricos que corroboram para a teoria da crioulização do PB, evidenciando-se a significativa presença de tais traços nas comunidades que ainda carregam o legado africano, não só na pele, mas, sobretudo, na cotidiana vida sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Crioulística, Escravos, Português Brasileiro, Quilombo Remanescente, Kalunga, Vão de Almas

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é composta de duas interfaces, a Sociolinguística e a Crioulística, teorias as quais foram trabalhadas em conjunto, a fim de apontar os aspectos concernentes à hipótese do contato linguístico.

A Sociolinguística caracteriza-se por trabalhar com a utilização real da língua, a qual é averiguada dentro da comunidade social e de fala em que se concretiza. Para a consolidação dessa base conceitual, fazem-se relevantes conceitos os quais abrangem esta ciência da linguagem e corrobora para a proposta da pesquisa.

Eugênio Coseriu, em 1950, define norma como um termo utilizado para dar visibilidade e relevância à heterogeneidade iminente das línguas, caracterizando-se pelos usos linguísticos que são frequentes em um ambiente de fala, com o objetivo de reafirmar a sistematização e a organização estrutural que todas as variedades de uma língua possuem.

Marcos Bagno (2012) defende a necessidade de se contrapor o conceito de norma em dois distintos espaços: na Sociolinguística e na gramática prescritiva. Naquela, encaixa-se o conceito de variedade linguística, definição pertinente para o trabalho de pesquisa; nesta, conhecida como norma padrão, há a explicação de que uma língua se sobrepõe socialmente às demais, sendo dotada de superioridade e estabelecida como a única forma de se expressar.

Faraco (2008), quanto à variação, a qual contrapõe a tradição normativa, afirma que as variedades existentes resultam das experiências sociais que foram tidas pelos falantes de uma determinada comunidade de fala, o que consolida o fato de que há um vínculo entre linguagem e sociedade.

As variações podem se manifestar de forma especificamente linguística, através das variações lexicais e fonológicas, por exemplo, contudo, também se dão em contextos extralinguísticos, por meio das variações regionais (origem geográfica), sociais (faixa etária, sexo, escolaridade) e estilísticas, estas caracterizadas por Tânia Alkimin (2003) como formal, informal, coloquial, familiar e pessoal.

Como último elemento abarcado pela Sociolinguística, destaca-se a mudança linguística, a qual conceitua a língua como um organismo vivo, criativo e produtivo. Dessa forma, ainda que em um processo parcial, lento e gradual, o mecanismo estrutural da língua encontra-se em constante movimentação.

Faraco (2008), em "A percepção da mudança", discorre sobre a necessária contraposição entre variação e mudança, ao elucidar que todo e qualquer processo de mudança linguística advém de uma variação a qual se tornou constante na língua, entretanto, um ambiente de fala pode ser permeado por variações sem que necessariamente resulte em uma mudança.

A Crioulística, por outro lado, tem a pretensão de analisar o contato linguístico, com vistas a observar a presença das línguas africanas no Português do Brasil. De acordo com Baxter e Lucchesi (1997), as línguas crioulas consolidam-se a partir do contexto social, político e econômico do qual emergiram; igualmente, através das semelhanças estruturais que carregam – devido à formação em situações específicas de comunicação.

Dentro da teoria em análise, Hildo Honório Couto (1996) conceitua pidgin, termo que se refere a uma língua veicular a qual se torna útil para a comunicação entre povos de distintas etnias, em um contexto multilinguístico e de cunho comercial. Assim sendo, a linguagem estabelecida não pode ser nativa para nenhum falante, e a sua estrutura, tanto sintática quanto lexical, deve ser significativamente reduzida, com poucos fonemas, estrutura silábica CV, falta de flexão e derivação vocabular, ordem dos constituintes estabelecida pelas funções sintáticas de cada elemento e léxico mínimo.

No que diz respeito ao crioulo, teóricos como Baxter e Lucchesi (1997) o caracterizam como a evolução do pidgin, com a ressalva de que se torna língua materna da comunidade, sendo encontrado em um contexto sociolinguístico específico, como o da colonização europeia e do advento da escravidão.

Ao retomar o passado histórico brasileiro, percebe-se que os africanos não possuíam um contato firmado com os colonizadores, porém, a mínima troca existente teria reforçado a ideia de que os dominados adquiriram certos traços da língua de superstrato. As crianças nascidas nesse ambiente, além de passarem a ter contato com a língua nativa dos familiares, eram expostas a essa segunda língua instável, a qual, por ser mais utilizada socialmente, consolidou-se como a primeira língua de uma nova geração da comunidade, isto é, tornou-se uma língua crioula.

A hipótese da formação do Português do Brasil, pelo viés da teoria do contato, tem sido analisada com base em estudos de campo, desenvolvidos nos interiores do Brasil, nos locais que possuem rastros históricos deixados pelos escravos africanos.

O Cafundó, por exemplo, é uma comunidade afrodescendente que viveu, por muitos anos, em um isolamento social, sendo visitada pela primeira vez em 1978. Grande parte de sua população é composta por descendentes de escravos, pois, segundo os habitantes, as terras em que vivem foram doadas, em 1888, a dois escravos os quais trabalhavam em Sorocaba, cidade próxima a Cafundó.

Os habitantes utilizam-se do português, contudo possuem um léxico específico, denominado cupópia, de base banto, originado das línguas quimbundo, umbundo e quicongo. De acordo com Vogt, |Gnerre e Fry (1993 apud Petter, 1999), essa língua seria o resultado, atualmente, do que havia sido um crioulo. Entretanto, devido à sua tendência de se aproximar da língua de superstrato, enfrenta um processo de descrioulização.

Outras comunidades remanescentes de antigos escravos, como Helvécia, Cinzento e Rio de Contas também têm sido foco de estudos voltados à hipótese da criouliização do PB, devido ao isolamento social, à agricultura de subsistência, às práticas culturais de cunho africano e à composição linguística de alguns moradores. A língua da comunidade de Helvécia, por exemplo, possui descendência de iorubás e geges, afirmam Baxter e Lucchesi (1997).

METODOLOGIA

A base estrutural-teórica desse estudo firma-se no domínio científico da Sociolinguística e da Crioulística, áreas que serão, de forma geral, abordadas e definidas nos subtópicos dessa seção.

Como métodos de pesquisa, foram utilizados os levantamentos bibliográficos e a recolha de dados por intermédio da pesquisa de campo. Pela observação do real, torna-se possível o estudo de diferentes aspectos sociais, sendo relevantes, aqui, os seguintes fatores: contexto histórico, indivíduos pertencentes à esfera social em análise e tudo aquilo que os completam culturalmente, com destaque para a composição linguística.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

Sociolinguística, recente ciência que surgiu na década de 1960, com o intuito de estabelecer o seu objeto de estudo – a diversidade linguística –através da demonstração de que língua, cultura e sociedade estão eminentemente interligadas.

Foi com William Labov (1963) que o estudo da Sociolinguística se tornou efetivamente significativo. O estudioso em questão publica, em 1963, a sua produção textual a respeito da variação linguística na comunidade de Martha's

Vineyard, em Massachussets, evidenciando a influência e a relevância dos fatores sociais no campo das variantes que compunham a língua local.

A ciência da linguagem em verificação ramifica-se em duas: a Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Variacionista. Esta teve como precursor, justamente, o último estudioso citado acima, e é sobre ela que nos deteremos.

2.1.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Teoria da Variação surgiu após a célebre análise, feita por William Labov, com relação às ocorrências linguísticas do inglês urbano de Nova York. Manifestou-se como uma divisora de águas, possibilitando novas pesquisas, com o intuito de analisar a grande relevância das práticas sociais no estudo da linguagem, e de compreender como a falta dessa associação pode desencadear vastas consequências. Os estudos linguísticos da época, por conta disso, foram fortemente impactados.

Assim sendo, define-se como objeto dessa inovadora ciência, a pesquisa acerca do uso real da língua e de suas variações em um determinado ambiente social heterogêneo, multilinguístico e multicultural. A comunidade de fala é o ponto de partida do estudo sociolinguístico, devido não só às relações intralinguísticas estabelecidas, mas, sobretudo, às variações a que uma mesma língua está submetida. Temos diferentes formas de empregar a fala, e a essa diversidade de alocações é que se deu o nome de variedades linguísticas. Denomina-se repertório verbal o uso que um dado corpo social faz dessas variações. A Sociolinguística prestar-se-á, concomitantemente, a entender quais são os elementos extralinguísticos que podem exercer influência nas variedades da linguagem de um determinado grupo, e o porquê de tal intervenção, apontando fatores como a idade, o sexo, a origem regional, o nível de escolaridade, as ocupações e a classe social a qual pertencem.

Tal modelo teórico estabeleceu-se, conceitualmente, como Sociolinguística Quantitativa, por tratar-se de um método empírico de análise que, numérica e estatisticamente, estuda a coleta de materiais linguísticos, em uma tentativa de compreender quais são os fatores condicionantes – linguísticos e extralinguísticos - que operam na implementação ou na exclusão de uma certa regra variável.

2.2 CRIOLÍSTICA

Trata-se de uma significativa área do campo linguístico que surge da ótica do real e abundante contato entre diferentes línguas e etnias expostas em distintos territórios, em razão dos recorrentes processos de colonização aos quais a humanidade esteve submetida, e resulta, desse modo, no multiculturalismo que em diversas partes do mundo se consolidou.

A interdisciplinaridade é um grande atributo dessa ciência, sendo ela capaz, assim, de abarcar diferentes focos de estudo, posto a sua abrangência. Entre tais podemos citar: a Antropologia, a História e a Linguística Histórica, a Sociologia e, sobretudo, a Sociolinguística, a julgar pelos contextos sócio históricos e, recentemente, pela inclusão da análise gramatical – no âmbito fonético-fonológico, morfossintático e semântico - abordados e correlacionados através do estudo das línguas crioulas.

A Sociolinguística e a Crioulística encontram-se em uma relação mútua, principalmente por conta do fator histórico social da linguagem e pela nova forma de tratar os fenômenos da diacronia e da sincronia – no estudo dos pidjins e dos crioulos, tais fenômenos encontram-se paralelos um ao outro.

Destaca-se que o pidgin é definido como uma língua de caráter veicular e emergencial que se originou no contexto das trocas e dos negócios comerciais realizados em portos de embarques, possibilitando o entendimento entre falantes que se encontravam em uma situação de forte multilinguismo.

Já crioulo é definido como o resultado da nativização do que outrora havia sido uma língua pidgin. A sua consolidação é desencadeada a partir do momento em que, a criança de uma dada comunidade de fala, origina-se e se desenvolve no contexto em que a linguagem veicular é utilizada a todo tempo pelos adultos e, assim, a toma para si, tornando-a a sua língua primeira e, a posteriori, a de todo o povo local.

No Brasil, há estudiosos, entre eles Alan Baxter, Carlota Ferreira, Dante Lucchesi e Margarida Petter, empenhados no estudo de uma possível fase crioula do Português Brasileiro em suas origens, a julgar pelo cenário da colonização e de seu respectivo processo escravocrata – fatores histórico sociais que desencadearam as situações de multilinguismo sobre as quais se apoia a Crioulística.

2.3 SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA

O ambiente escolhido como foco de pesquisa - Vão de Almas, município do quilombo Kalunga -, possui uma área de 237 mil hectares e se encontra localizado entre três cidades do Goiás: Monte Alegre, Cavalcante e Teresina, como podemos observar no mapa abaixo:



Figura 1: Mapa com enfoque para a localização da Comunidade Kalunga

Historicamente, o Planalto Goiano, por volta de 1720, torna-se um grande atrativo nacional e estrangeiro, especificamente por conta da descoberta aurífera na região Centro-Oeste.

A presença africana no Estado se inicia com a chegada das bandeiras de Piratininga, movimentos de exploração territorial que vinham adentrando o interior do Brasil, com o intuito de escravizar os indígenas e desbravar os metais preciosos da região. No século XIX, outras levas vindas da costa ocidental, oriental e do noroeste da África começaram, também, a compor o Estado em questão.

O processo histórico da exploração de ouro na província de Goiás e o sistema escravocrata utilizado para a mesma compõem, respectivamente, o contexto e a causa para a fuga e para o isolamento de diversas comunidades negras, que buscaram refúgio nos longínquos vales e nas íngremes serras da Chapada dos Veadeiros, formando, no início do século XVII, o Remanescente Quilombo Kalunga.

O Patrimônio Cultural Kalunga possui quatro principais núcleos de povoação: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão dos Bois. Esse estudo

encontrase focalizado na região Vão de almas que, juntamente com o Vão do Moleque, ocupa a maior parte territorial da comunidade Kalunga. Situa-se entre o Rio das Almas⁷ e o Rio Paranã, e foi um dos últimos povoados a ser formado.



A PESQUISA DE CAMPO

Levando-se em conta o fato de que os anciãos da comunidade são os que menos têm convívio com o mundo moderno, os que menos praticam a mobilidade social e, conseqüentemente a isso, os que mais guardam possíveis resquícios linguísticos vindos de seus descendentes mais antigos, buscou-se entrevistar informantes que se encontram na faixa etária entre os 60 e os 80 anos de idade. Foram, no total, dez participantes, sendo seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Para além da recolha de dados linguísticos, as entrevistas possibilitaram um maior conhecimento em relação à cultura desse grande e histórico remanescente Quilombo que ainda possui tantas incógnitas e ao qual estou a me dedicar.

ANÁLISE DE DADOS

Para essa pesquisa, foram escolhidas quatro variáveis sociais, sendo elas: faixa etária, escolaridade, estilo linguístico e gênero/sexo; e quatro variáveis linguísticas: concordância nominal de número e gênero, preenchimento do sujeito e paradigma verbal.

A falta de concordância de gênero é um dos principais fatores favoráveis à hipótese da crioulização do Português Brasileiro, sendo raramente encontrada, e, quando é, está presente em comunidades afrodescendentes, como o Quilombo Kalunga. Vimos que a não concordância desse fenômeno tem sido pouco recorrente, tanto no falar das mulheres quanto no dos homens.

“Parece que u juizu vai ficanu assim descontrolada” (D. Jandira)

“Foi muintcha coisa bom ali, moçu” (D. Eva)

“A cultura tudu qui era meia isoladu” (S. Nicanô)

“A vó da mãe delis foi pegadu di cachorru” (S. Nicanô)

Um fato interessante a ser colocado é o de que não há, em nenhuma sentença proferida pelos informantes, tanto de um sexo quanto do outro, ocorrências de concordância nominal de número. Ou seja, todos os entrevistados têm realização [Ø] no que concerne a esse fenômeno linguístico.

“Bate fotu aí da genti nessas rumaria aí” (D. Jandira)

“Era um bucadu daquelas pessoa mar veia” (D. Eva)

“As perna tá fraca” (S. Ambrósio)

“As filha dela mora tudu lá também” (S. Nicanô)

PREENCHIMENTO DO SUJEITO PRONOMINAL E REDUÇÃO DO PARADIGMA VERBAL

Sabe-se que a língua portuguesa é uma língua pro-drop, isto é, que aceita, em sua norma culta, tanto a posição de sujeito preenchido quanto a de sujeito nulo, mas aquela tem ocorrido com maior intensidade na fala coloquial, posto o fenômeno que anda atrelado a esse: a redução do paradigma flexional.

“Nós fazia farinha” (D. Jandira)

“Elas é qui é a pátria” (D. Jandira)

“Cêis passô lá não?” (S. Ambrósio)

“Elas num mexi cumigu” (S. Ambrósio)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário no qual se foi possível aplicar a base teórica referenciada, isto é, a comunidade quilombola de Vão de Almas, permitiu que a hipótese norteadora da pesquisa fosse positivamente atestada: há indícios de um remanescente crioulo na fala dos moradores kalungas do povoado.

A chegada a essa afirmação encontrou respaldo no passado histórico do patrimônio cultural a pouco citado. Composto por descendentes de africanos de etnia banto (angolas, congos, moçambiques), que foram trazidos pelos bandeirantes paulistas, no século XVIII, para fazerem parte do ciclo goiano de garimpagem e que, para fugirem dos cativeiros aos quais eram submetidos, adentravam as serras do norte do Goiás, mantém, ainda hoje, um relevante isolamento social e uma cultura de subsistência e múltiplas manifestações culturais de cunho africano, que reforçam e caracterizam os ambientes colocados como favoráveis à preservação dos resultados advindos do contato entre distintas línguas.

Concernente à análise dos aspectos linguísticos, expõe-se que os fenômenos escolhidos, isto é, a falta de concordância nominal de número e gênero, o preenchimento do sujeito e a redução no paradigma verbal, foram recorrentes na fala dos moradores anciãos da comunidade, com destaque para as ocorrências de discordância nominal de gênero que, ainda que não tenham sido numericamente significativas, são vistas com grande relevância, no que diz respeito à consolidação de uma língua com traços crioulistas.

A análise da avaliação social, quanto aos condicionantes linguísticos escolhidos, foi, em suma, positiva, com ressalva à falta de concordância de gênero, posto a sua mínima recorrência nos dados coletados, apontando para uma aproximação com a gramática da língua portuguesa normativista – consequência, dentre outras, do maior contato com o meio urbano, com as novas gerações e com a chegada de instituições escolares na localidade. Quanto aos outros aspectos, houve uma aceitação significativa, salientando-se, por exemplo, a provável mudança em curso pela qual pode estar passando, ou possa vir a passar, a variável concordância nominal de número – como foi possível observar na análise dos dados, não foi proferida, pelos informantes escolhidos, nenhuma sentença na qual todos os vocábulos tivessem recebido a marca de plural, apontando, talvez, para um porvir em que não mais haverá a marcação morfológica de plural no português dos quilombolas kalungas. Reitera-se, por fim, a importância da realização de pesquisas científicas que se direcionem ao estudo da influência do contato para a formação da

língua portuguesa vernacular que hoje é falada no Brasil, e que haja um olhar sensível às línguas que por séculos estiveram a influenciar e a enriquecer não só o nosso dizer, mas toda a cultura popular do país.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: **Estudos linguísticos e literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n.19, p. 65-84, mar. 1997.

Brasília. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. Uma história do povo Kalunga. 2001.

CASTILHO, Ataliba. O Idioma Brasileiro deriva de um crioulo? Disponível em: <<https://brasiliano.wordpress.com/2008/07/15/o-idioma-brasileiro-deriva-de-um-crioulo/>> Acesso em 03 de março de 2017.

COELHO, F. Adolfo. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In. Estudos lingüísticos crioulos. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

COUTO, Hildo H. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (HelvéciaBahia). In: Diversidade do português do Brasil – **Estudos de dialetologia rural e outros**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, pp. 21-32, 1988.

FIORIN, José L.; PETTER, Margarida (orgs). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLO, Heliana R. **Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contato linguístico**. In: ALKMIM, Tânia (org.) Para a História do Português Brasileiro. Vol III, São Paulo: Novos Estudos, 2002.

SOUZA, Ulisdete Rodrigues. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.